

Republicano, homossexual, amigo de Lorca... Só podia acabar mal

*Tropeçando com meu rosto diferente de cada dia.
Assassinado pelo céu!*
Federico García Lorca

Entre a vanguarda e a tradição, Miguel de Molina reunia três características que o franquismo não tolerava: era republicano, homossexual e amigo de Federico García Lorca. A homofobia, em Espanha, não se pense que é coisa antiga, e exclusiva de Franco: basta ver o que se passou há dias com um jovem que foi, barbaramente, espancado até à morte por ser homossexual.

Miguel de Molina al desnudo, com encenação de Félix Estaire e texto de Ángel Ruiz, que assume também a interpretação no espec-

táculo, reflecte sobre a dimensão trágica de um artista que, na vertigem de uma vida, vai de empregado de limpeza num bordel a um dos cantores mais celebrados em Espanha.

Molina, possuidor de uma personalidade muito pouco austera, representa um contraponto à ditadura de Franco, um resistente dotado de uma liberdade que nunca escondeu a sua homossexualidade dentro de um regime absolutamente homofóbico.

Entre 1936 e 1939, Molina passou a maior parte da Guerra Civil



Miguel de Molina al desnudo está em cena na Academia Almadense até domingo

Espanhola em solo republicano. Esse percurso político, conscientemente assumido, associado à sua homossexualidade e simpatia pela esquerda, teve consequências desastrosas para a sua carreira, forçando-o a exilar-se na Argentina, na sequência de uns certos cães de fila franquistas o terem, brutalmente, deixado às portas da morte.

As ditaduras, todas, e em particular a espanhola, de Franco, apropriam-se caracteristicamente de símbolos que não lhes pertencem,

mas que são perfeitamente reconhecíveis, partilhados, aliás, por todos. Assim também se fez com a música: a partir da vitória de Franco, o termo “copla”, para designar a música enraizada pela cultura do país, foi paulatinamente sendo alterado para “canção espanhola” ou “canção andaluz”. É também isto que a peça representa, para além da exposição biográfica de Molina: o assassinato de uma nação, aprisionando suas tradições, seus símbolos, seus valores. | **Pedro Barros**

Quando a palavra é música até aos ouvidos dos filhos-da-puta

O ensaísta, poeta, *performer*, professor e ser inquieto que é Alberto Pimenta escapa a molduras teóricas e a cânones artísticos fechados. Pimenta não pôde estar na esplanada da Escola D. António da Costa, ontem, mas foi de Pimenta que se tentou falar em mais um Colóquio da Esplanada, no âmbito do Festival de Almada. De Pimenta e do *Discurso sobre o filho-da-puta*, um texto em “prosa poética” ou “poema em prosa” que Fernando Mora Ramos levou à cena no Teatro da Rainha. O en-

cenador, ausente por motivos de saúde, fez saber que quer “incendiar Portugal com este texto”. Para os atores, apresentados como o “quarteto de cordas vocais”, é um espetáculo que nasce da musicalidade das palavras de Pimenta e da confiança na força do colético e é também um trabalho que exige total concentração.

Publicado em 1977, continua tão atual que o escritor Henrique Fialho dispara: “basta pensar na forma como esta pandemia abriu a galeria de todo o tipo de filha-



-da-putice como o desvio de ventildadores e a guerra das vacinas”. Mesmo se olharmos só para Portugal, acrescenta Fialho, “continuamos a ser uma sociedade altamen-

te hierarquizada e profundamente hipócrita”. Afinal, como escreveu Pimenta: “não há lugar onde, procurando bem, não se encontre um filho-da-puta”. | **Catarina Neves**

Plateia infinita

Perguntam-me há quantos anos a CTA faz parte da minha vida.

...mas a memória é traiçoeira e não é fácil lembrar datas.

As memórias mais longínquas são... *As Patifarias de Scapin* no

pequeno Teatro de Almada, lá em cima na cidade velha. 1988...?

...*O Carteiro de Neruda*, já aqui no Teatro Azul...

São mais vivas as memórias do Festival que é, parece-me, a marca mais forte e mais distinta da CTA.

O Festival de Teatro: o meu melhor vício!

Lugar de (re)encontro anual. Lugar de inclusão, de diversidade, de pensamento.

Com uma esplanada que alguém já disse ser, "em Julho, o lugar mais civilizado de Portugal" - Concordo!

Lembro...

...o palco grande do Festival, na Casa da Cerca - um lugar mágico.

...o palco grande já aqui na Escola António da Costa... quando a plateia era com tábuas corridas e... se nos apertássemos um bocadinho dava sempre para mais ... 30?... 50?... 500?... - guardo mesmo saudades dessa plateia que imaginava infinita. (e confesso que gosto muito menos das cadeiras de plástico...)

Teatro - magia. Teatro - palavra. Teatro - luz. Teatro - história. Teatro - vida!



Luana Santos

Ana Baltazar, 33 anos de plateia

Parabéns pelo meio século. Obrigada, Companhia de Teatro de Almada!

No domingo vota-se

No último dia do Festival, como é tradição, será eleito o Espectáculo de Honra do próximo ano.

A votação far-se-á à entrada para cada espectáculo e no boletim de voto constarão os seguintes espectáculos: *Hipólito*, *Amitié*, *History of violence*, *Aurora Negra*, *Duas personagens*, *Who Killed my father*, *Cenas da vida conjugal*, *Omma*, *Corpo suspenso*, *Pastéis de nata para Bach*, *Um gajo nunca mais é mesma coisa*, *A lua vem da Ásia*, *Fake*, *Discurso sobre o filho-da-puta*, *Molly Bloom*, *Miguel de Molina al desnudo* e *Viagem a Portugal*.

Por favor, traga a sua caneta.

Al desnudo na Esplanada

Amanhã às 18h estará presente em mais um dos nossos encontros habituais na Esplanada do Festival, Ángel Ruiz - autor e intérprete de *Miguel de Molina al desnudo*. Numa conversa moderada pelo crítico Rui Monteiro, poderemos ficar a conhecer um pouco mais do trabalho de concepção deste espectáculo, que versa sobre o célebre cantor popular espanhol Miguel de Molina.

No princípio era a energia

Madalena Victorino, na sequência de um seminário que orientou em 2020 no Festival de Almada, sob o mote "o sentido dos mestres", oferece-nos agora o conjunto dessas suas reflexões num livro intitulado *A dança como arma*.

Constituem o livro cinco capítulos, sucessivamente dedicados ao "corpo democrático", à "força política da arte participativa", aos conceitos de "arte, educação e trabalho", ao corpo colocado "no centro da dança", e uma retrospectiva final sobre "as muitas vidas que habitam a dança" da autora.

Neste livro em que dança, arte e criação constituem o triângulo de todo o seu desenvolvimento (a dança é arte e criação, a arte é dança e criação e a criação é dança e arte) elegeria seis conceitos-motor: 1º Energia; 2º Corpo; 3º Espaço; 4º Diferença; 5º Possível; e 6º Democratizar. Acrescentaria ainda, a título introdutório, que cada um destes conceitos, além de atravessar todos os capítulos do livro, remete para cada um dos outros conceitos.

É esta dinâmica energético-conceptual que faz com que este livro de Madalena Victorino seja simultaneamente um livro de Estética, de Antropologia, de Epistemologia, de Pedagogia, de Sociologia, de Ética e de Política da Dança num exercício pleno de interdisciplinaridade filosófica e ao mesmo tempo artística.



É porque assenta nestes seis conceitos-motor e nos que lhes são correlativos que o livro tem como título *A dança como arma*. Uma arma não é necessariamente um instrumento de morte; é, antes de mais, um dispositivo de luta, de transformação e, por isso, de vida. A dança é arma porque a energia, o corpo e o espaço são armas que se aliam à afirmação da diferença, à crença de que nada é impossível e à ambição de que os sonhos se constroem e realizam através de processos de democratização e de participação comunitária. Foram estas as ideias, que mais do que lições são cumplicidades, que pude aprender com enorme gosto com a leitura deste livro de Madalena Victorino. Estou-lhe, por esse motivo, profundamente grato. | João Maria André

AGENDA DE AMANHÃ

18:00

Conversa com Ángel Ruiz
Esplanada do Festival

20:30

Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB

20:30

Viagem a Portugal
Fórum Romeu Correia

20:30

Discurso sobre o filho-da-puta
Teatro-Estúdio António Assunção

20:30

Miguel de Molina al desnudo
Academia Almadense

20:30

Molly Bloom
Incrível Almadense

RESTAURANTE
DO TEATRO

HOJE

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com broa e alheira

AMANHÃ

Roti de porco
Caril de salmão

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada